AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM: REFLEXÕES, DEFASAGENS E CONTEXTOS INTERLIGADOS AO ÂMBITO CULTURAL E SOCIAL

LEARNING ASSESSMENT: REFLECTIONS, GAPS AND CONTEXTS LINKED TO THE CULTURAL AND SOCIAL SCOPE

Juliana Andrade Santana¹

Acadêmica de Licenciatura em Educação Física
AGES Centro Universitário, Paripiranga-BA, Brasil
E-mail: julianaandrade10733@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2449-096X>

Leonardo Rabelo Silva²

Acadêmica de Licenciatura em Educação Física
AGES Centro Universitário, Paripiranga-BA, Brasil
E-mail: rabelosilvaleonardo@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5440-8085>

Liliana Capistrano Santos³

Acadêmica de Licenciatura em Educação Física
AGES Centro Universitário, Paripiranga-BA, Brasil
E-mail: lilianacapistrano101@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-1184-2110>

Cleiton Antonio de Oliveira

Docente do curso de Educação Física
AGES Centro Universitário, Paripiranga-BA, Brasil
E-mail: cleiton.oliveira@ages.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0502-9262>

Karina Sales Vieira

Doutoranda do curso de Letras
AGES Centro Universitário, Paripiranga-BA, Brasil
E-mail: karina.salesv@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7763-8569>

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar reflexões sobre a avaliação da aprendizagem e suas nuances no espaço escolar. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica em diversos artigos desenvolvidos por autores que discutem aspectos sobre avaliação da aprendizagem. Por esse viés, é evidente que, ainda, há um julgamento valorativo, a partir de uma escala de satisfação construída, o qual tende a caracterizar o quão apto o aluno está no desenvolvimento do seu aprendizado, por meio de testes e provas avaliativas, desconsiderando o sujeito em sua singularidade, e o real sentido do que seja avaliar.

Aponta-se, ainda, que há um processo de planejamento do ano letivo sem contato prévio com o aluno, reforçando a importância de avaliações diagnósticas. Nesse sentido, para a aprendizagem acontecer de forma efetiva, é indispensável que o docente busque manter clareza nos seus objetivos, intencionalidades e planejamentos, como também desprender-se do modelo negacionista que não enxerga as diversas habilidades e competências que podem ser desenvolvidas e exploradas durante a ação pedagógica educativa.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem; avaliação; ação pedagógica educativa.

ABSTRACT

This article aims to present reflections on the evaluation of learning and its nuances in the school environment. For this, a bibliographic review was carried out in several articles developed by authors who discuss aspects of learning assessment. From this perspective, it is evident that there is still an evaluative judgment, based on a constructed satisfaction scale, which tend to characterize how apt the student is in the development of their learning, through tests and evaluative tests, disregarding the subject in its singularity, and the real meaning of what it means to evaluate. It is also pointed out that there is a planning process for the school year without prior contact with the student, reinforcing the importance of diagnostic assessments. In this sense, for learning to take place effectively, it is essential the teacher seeks to maintain clarity in their objectives, intentions and plans, as well as to detach themselves from the denialist model that does not see the various skills and competences that can be developed and explored. during the educational pedagogical action.

Keywords: Teaching and learning; Assessment; Educational pedagogical action.

1. INTRODUÇÃO

Pensar em educação e na efetivação dos processos de ensino e aprendizagem é refletir a necessidade de os docentes fazerem-se presentes no contexto escolar, de tal maneira que busquem investigar novas possibilidades para o ato avaliativo, a partir de questionamentos como: “o quê?”, “como?”, “em qual momento?”, “para quê?” e “quais instrumentos devem ser respaldados como meio de busca para o redirecionamento de estímulos que os ajudem a melhorar e a obter conhecimentos mútuos do aluno, perante o cenário educativo?”.

Assim, é fundamental ampliar as visões metodológicas, buscando ferramentas na tentativa de atender as particularidades específicas de cada estudante para promover o aprendizado no seu devido tempo e que o respeite em todos os aspectos intelectuais, físicos, cognitivos, socioculturais e emocionais, sem que ocorra nenhum tipo de pressão que possa desencadear o desequilíbrio e a fragilização nos estabelecimentos de ensino-avaliação-aprendizagem (MELCHIOR, 1994).

Nessa direção, vê-se que a maioria das escolas brasileiras utilizam de provas finais como mecanismo que dará sustentação ao processo do trabalho escolar. Entretanto, avaliar não está estritamente interligado à atribuição de notas para reprovar ou não um discente. Sendo assim, deve ser entendido como um meio que busca a melhoria na qualidade de ensino, desenvolvendo ações e regulações com frequência. Desse modo, é impensável conceber a avaliação apenas como um recurso utilizado para trazer estatísticas de quão adequado o aluno está perante determinado conteúdo.

Nessa linha de argumentação, pontuamos que avaliação escolar não se limita apenas a uma avaliação final, ou seja, por meio de um único documento, como, por exemplo, prova ou teste. Tal avaliação necessita, antes de tudo, ser entendida como algo que precisa ser realizado de forma processual, ou seja, no decorrer de todo o desenvolvimento de ensino-aprendizagem entre professor e aluno. Desse modo, Luckesi (2003) afirma que a avaliação de aprendizagem tem como a sua principal função diagnosticar o que o aluno aprende, tornando-se necessário ocorrer de forma processual, inclusiva, democrática e dinâmica, de forma que o docente possa acompanhar o avanço ou o regresso dos discentes a partir das diversas funções.

Além disso, no que diz respeito ao processo avaliativo entre professor e aluno, é fundamental lembrar que esse é um dos elementos mais delicados referentes ao ensino e aprendizagem, pois é por intermédio desse que o docente deverá diagnosticar, ou seja, verificar, entender e colaborar com as necessidades apresentadas pelos seus educandos. À vista disso, de acordo com Freire (2004), avaliar é muito mais do que pontuar, selecionar ou classificar os alunos. O processo avaliativo deve ser entendido e desenvolvido a partir de feedbacks entre professor e aluno, o diálogo se faz necessário, assim como a reorientação e a construção de conhecimento nesse processo.

Seguindo essa vertente, é imprescindível entender e enxergar a avaliação como instrumento que possibilita inúmeras formas de perceber as habilidades dos alunos. Desse modo, bons mecanismos de avaliação da aprendizagem proporcionam circunstâncias para uma prática satisfatória. Portanto, é preciso refletir sobre o papel da avaliação e as condições para que ela ocorra de forma justa e coerente emergindo em um feedback positivo.

2. METODOLOGIA

Como fundamentação teórica para as investigações, análises e obtenção dos dados realizados, foram efetuados, enquanto objeto de pesquisa, levantamentos bibliográficos, haja vista que, segundo Metzger (2016), será por meio dessa ferramenta que tornará possível aproximar-se com os caminhos do real, do possível e do ideal, favorecendo, assim, pensamentos reflexivos pautados na concepção dos possíveis conceitos avaliativos e fatores desencadeados nos contextos escolares frente ao papel da avaliação-ensino-aprendizagem.

Com base nisso, foram extraídas, observadas e utilizadas pelos pesquisadores 27 produções acadêmicas, das quais 14 são artigos e 13 obras didáticas. Desse modo, recorreu-se para a exploração do desenvolvimento a partir da ocorrência de análises técnicas baseadas nos assuntos propostos, sendo subdividida em três categorias: 1) Aspectos conceituais sobre a avaliação, tipos e instrumentos avaliativos; 2) Papel do professor no processo avaliativo; 3) Percepção e resultados sobre a avaliação para a aprendizagem.

Dessa forma, as elaborações para alcançar as aquisições dos dados pretendidos se deram por pesquisas já construídas e com o arco temporal definido por um tempo compreendido entre 2012 e 2022 (para artigos ou revistas) e sem tempo definido para obras (livros). Os resultados foram alcançados em março de 2022 devido às buscas as quais eram feitas nas plataformas Scielo e Scholar Google, uma vez que ambas servem como ponte para fundamentações e pesquisas dos marcos periódicos nacionais de acordo com a proposta do presente artigo.

3. ASPECTOS CONCEITUAIS SOBRE AVALIAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

Muito se tem discutido sobre avaliação, ou seja, o ato avaliativo perante o ensino/aprendizagem, bem como as suas bagagens históricas e evoluções ocorridas desde os últimos anos e de maneira diversificada. Logo, se faz necessário analisar e pontuar singularidades a serem refletidas, analisadas e repensadas para a mensuração do progresso ou regresso no que diz respeito aos processos de ensinar

e de aprender como um requisito essencial e necessário para o trabalho docente. De acordo com Libâneo (1994, p. 195), a avaliação é tida como:

Uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos. Os dados coletados no decorrer do processo de ensino, quantitativo ou qualitativo, são interpretados em relação a um padrão de desempenho e expressos em juízos de valor (muito bom, bom, satisfatório, etc.), acerca do aproveitamento escolar. A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa.

Destarte, ainda de acordo com o autor, logo se entende que, para compreender bem sobre a avaliação, indubitavelmente, é necessário que haja realização de buscas constantes por meio de verificações e coletas de dados como um recurso conveniente no ato de busca e de construções para a obtenção dos alcances de determinados objetivos e metas postos pelos docentes em seus planejamentos (mesmo que flexíveis) inerentes à sede de transformá-los em ações positivas, de caráter sistemático e contínuo para uma aprendizagem significativa em toda a sua totalidade, podendo esta ser teórica ou prática.

Nessa visão, o ato avaliativo não estará ligado apenas à distribuição de números e nem algo meramente isolado com conceitos predeterminados e/ou prontos diante dos julgamentos postos como sendo “aprovados” ou “reprovados”, pois, dessa forma, não será possível avaliar por completo se o educando, de fato, aprendeu, não aprendeu ou fingiu que aprendeu, objetivando apenas em determinar as notas. Assim, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), torna-se necessária a integração entre os elementos básicos do ensino e da aprendizagem, destacando finalidades em prol da melhoria em todas as ações pedagógicas, início, meio e fim, para o crescimento do discente como um todo.

3.1 Tipos de avaliação: o que são e quando usar?

É imprescindível que o professor tenha entendimento sobre a finalidade de uma avaliação, assim como o que e para que avaliar, bem como ter um olhar cauteloso sobre quais dados têm importância e são cruciais para a avaliação. Pois, “o processo de avaliação deve contemplar o que o aluno sabe ou o que aprendeu, o que ainda não

sabe ou ainda não aprendeu, o que deveria saber, o ensino realizado na sala de aula e as experiências anteriores do aluno” (RAMPAZZO; JESUS, 2011, p. 5).

Assim, o docente precisa selecionar quais técnicas irá utilizar em suas aulas, levando em consideração toda a bagagem cultural e buscando contemplar todos os alunos, e em seguida ter noção do que fazer com os dados coletados para assim oferecer os melhores procedimentos que garantam uma aprendizagem significativa.

Mediante o que foi posto anteriormente, Haydt (1997) afirma que o docente pode realizar três formas de avaliação, conforme sua intenção, e que podem ser demonstradas na tabela a seguir:

TIPOS DE AVALIAÇÃO	OBJETIVO	PROPÓSITO	TEMPO
Diagnóstica	Diagnosticar	Fornecer elementos ao professor que permitem ter entendimento de conhecimentos prévios e possíveis defasagens na aprendizagem, possibilitando adequar os tipos de métodos.	Início do período letivo.
Formativa	Acompanhar	Possibilita o acompanhamento e verifica se todos os objetivos foram atingidos, para melhorar o que não foi eficaz.	Durante todo o período letivo.
Somativa	Informar	Possibilita a classificação de todos os dados perante os objetivos estabelecidos.	Ao final de um período letivo.

Quadro 1: Tipos de avaliação.

Fonte: Criação dos autores (produzida em 2022).

O quadro acima traz uma breve síntese dos principais pontos que envolvem os três tipos de avaliação tidos como principais. Assim, todas se fazem importantíssimas em meio ao processo de ensino e aprendizagem.

Outro ponto importante, que também deve ser utilizado para contribuir nas avaliações, é a autoavaliação, pois possibilita ao educando poder ser crítico em relação ao seu ensino. Sousa (2009) explica que: “ao se autoavaliar, o discente tem a oportunidade de desenvolver com eficiência a sua capacidade crítica, fazendo com que o próprio sujeito estabeleça as devidas análises como, por exemplo, apreensão dos conteúdos, crescimento pessoal, grau de evolução e dificuldades” (SOUSA, 2019, p.7).

Portanto, a autoavaliação proporciona ao indivíduo pensar sobre seus atos, tendo como critérios suas qualidades e defeitos, com um novo olhar, observando os resultados como forma de se desenvolver, tanto pessoal como profissionalmente.

3.2 Avaliação: um sinônimo para reprovação?

Ao falar em métodos e instrumentos avaliativos, comumente o primeiro pensamento são provas e exames em seus diversos formatos (dissertativos, objetivos ou simulados etc.), não descartando que estes possuem a mesma finalidade, que é avaliar. Para tanto, de acordo com Capelato, Ribeiro e Sachs (2019), o docente apropria-se de métodos que visam mensurar o grau de conhecimento de seus educandos, e esses métodos são coletados e usados como estratégias as quais têm o poder de aprovar ou reprovar alunos, contribuindo para que haja o exercício do julgamento e autoridade, favorecendo a construção de pensamentos errôneos em relação ao ato de avaliar. Entretanto, a avaliação deveria ser pensada e posta em ação de maneira que possibilite o crescimento mútuo entre professor e aluno, no qual ambos estarão agregando e melhorando pontos importantes em sua aprendizagem.

Por conseguinte, o processo de avaliação nas escolas é pensado antes do ano letivo iniciar, dando ressalva ao desempenho do aluno perante o alcance de objetivos e metas presentes em seu planejamento, focando apenas em obter resultados, os quais servirão para preencher um formulário de notas e classificar como aprovado ou reprovado. Em consonância, Silva (2018) diz que avaliar requer cautela e disposição para não tratar os discentes como meros objetos que são avaliados apenas por meio de avaliações quantitativas, as quais visam obter números que se atrelam ao atingir ou não o resultado esperado.

Esse modelo avaliativo tem a função de transpor o que o aluno aprendeu durante determinado período, visando melhorar ou mudar métodos e instrumentos que não foram tão eficientes para o processo de ensino/aprendizagem. Para Kraemer (2005), possibilita, ainda, a aquisição de indicadores que contribuirão para melhorar o ensino, evidências estas que não se limitam apenas ao uso de lápis e papel, mas sim de vários instrumentos que se adequem à realidade de cada escola, comportando-se também como ferramenta que controla a qualidade do ensino e a efetividade. Assim, é necessário que o professor tenha domínio e conhecimento desses inúmeros recursos ao seu dispor e os insira em sua docência.

3.3 Instrumentos de avaliação: possibilidades de uso

Sabe-se que os instrumentos de aprendizagem são grandes aliados para se obter *feedbacks* positivos quando se fala em educação, sendo estes advindos de diferentes naturezas, feitos pelo aluno ou pelo professor. De acordo com Vasconcellos (2003), é preciso haver uma reflexão crítica quando se refere a instrumentos de avaliação, questionando a preparação, análises, correções e relação dos dados com o seu destino. Para esclarecer estes pormenores, a elaboração e a escolha do instrumento ideal deve ser um ponto para reflexão, levando em consideração quais são essenciais, transparentes, contextualizados e compatíveis com o trabalho que o docente pretende fornecer, uma vez que o uso de instrumentos sem vínculos com o planejamento acarreta *feedbacks* negativos.

Dessa maneira, tem-se um número significativo de instrumentos que podem fazer parte das aulas, desde os mais comuns até os mais inovadores. De acordo com Rampazzo e Jesus (2011, p.7), os instrumentos mais comuns são “a prova, a observação, o portfólio, o relatório, conselhos de classe e o mapa conceitual”. No entanto, não pode haver limitação e uso apenas desses instrumentos, pois impossibilita a inserção de novas formas de ensinar.

Assim, todos esses mecanismos devem se adequar às condições de cada turma, podendo ocorrer também com a junção de dois ou mais instrumentos para atingir o desejado. Alguns deles são: autoavaliação; desenhos; apresentação oral; pré-teste; observação e acompanhamento; rodas de conversa; simulações; trabalho e/ou discussão em grupo; escrita de relatos; estudos de caso; relatórios/entrevistas; projetos interdisciplinares.

Ademais, “um bom instrumento de avaliação não assegura o sucesso do processo avaliativo, mas sim a intenção do professor e o trabalho que é realizado com esse e a partir desse instrumento” (RAMPAZZO; JESUS, 2011, p.23).

4. PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO AVALIATIVO

Muito se discute, em meio ao espaço escolar, sobre o papel do professor frente ao processo avaliativo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, sabe-se que houve

algumas mudanças com relação aos métodos avaliativos, tipos de avaliações e instrumentos. Há alguns anos, o professor passava a ser entendido apenas como um mero reprodutor de informações, ou seja, um transmissor e compartilhador de ideias. Porém, com o passar do tempo, esse conceito vem sendo modificado, isso por conta dos diversos avanços que vêm acontecendo em meio à sociedade, sendo alguns destes a diversidade de tendências pedagógicas e métodos de ensino.

Dando continuidade ao tocante acima, logo, é considerável assegurar que o docente precisa diagnosticar e entender a realidade de cada educando, para que assim os valores pessoais e a bagagem de conhecimento destes sejam valorizados. Para tanto, é importante conhecer os aspectos históricos e culturais de cada discente. Nessa direção, Hashimoto, Ciaccio e Guerra (2018, p. 8) afirmam:

É importante que o professor se coloque no lugar do aluno (aprendiz), antes de exercer a sua função, ele adotará uma postura mais atenta, receptiva, sendo capaz de enxergar como ele vê e modificar sua perspectiva. O professor precisa estar motivado, ele deve reconhecer que é preciso mudar e, além disso, a instituição de ensino precisa prover meios de desenvolvimento profissional, trazendo novos conhecimentos, novas técnicas de ensino e aperfeiçoamento.

Na presença do relato acima, fica evidente a necessidade de o educador desempenhar a sua função diante das avaliações escolares, de modo a respeitar os aspectos fisiológicos, psicológicos, culturais e sociais dos discentes, pois, desse modo, conseguirá desenvolver um trabalho mais digno e assertivo. Nesse caso, o educando será estimulado a ter um melhor envolvimento no processo de ensino.

Assim, faz indispensável assegurar que o docente tem a inteira responsabilidade de contribuir com a formação e o aprendizado dos seus discentes, lembrando que, para que isso aconteça, recomenda-se desenvolver uma boa avaliação em meio ao ensino. Dessa forma, Carvalho e Rosa (2013) dizem que o professor deve assumir um valioso papel em meio ao processo avaliativo dos seus discentes, entre esses, é preciso conhecer os diferentes métodos e meios avaliativos existentes na ação de ensinamento.

Em face do exposto, se faz importante afirmar que a educação não se dá apenas pela presença e importância do discente, mas sim pelo envolvimento deste com o educando. Desse modo, Freire (1993) afirma que o docente sozinho não consegue garantir o desempenho escolar dos discentes, pois o envolvimento e a relação das duas partes se fazem necessários, ou seja, ambos são essenciais para

contribuir e compartilhar os saberes. Sendo assim, é conveniente ao professor conhecer, entender e avaliar a realidade de cada aluno que se encontra em sala de aula.

Por esse viés, Silva Gallon, Silva e Madruga (2018) afirmam que o docente deve levar em consideração toda a bagagem de conhecimento que cada aluno venha a ter, estando essas interligadas e associadas ao seu contexto social. Tendo em vista esse olhar sobre o conhecimento prévio do aluno, cabe a cada docente saber trabalhar e intervir diante de cada situação, deixando assim o saber do aluno mais rico. Fica explícita a necessidade de ambos se relacionarem em meio às aulas, para que seja possível ter resultados satisfatórios.

Além disso, é fundamental afirmar que a função do educador frente à ação avaliativa é mediar, auxiliar, facilitar e contribuir com o progresso dos alunos. Dessa forma, Demo (1995) infere que o docente não deve dispensar o modelo de avaliação qualitativa ou processual, pois esta faz com que o professor acompanhe o aprendizado dos seus alunos, e não apenas atribua notas em determinadas atividades, pois é preciso avaliar e reavaliar a execução dos aprendizes e esse dinamismo faz com que o docente reconheça o desempenho dos discentes, assim como as suas falhas e fragilidades, sendo possível apresentar *feedbacks* e trabalhar em cima dessas principais necessidades apresentadas pelos educandos.

No que diz respeito à perspectiva de ser professor, Gadotti (2003) pontua que ser professor é saber transformar a informação em conhecimento e em consciência crítica, de modo que possa contribuir com a formação e com a aprendizagem do outro. Ser professor é ser vultoso, pois são estes que fazem fluir o saber, são estes que conseguem formar os diferentes representantes e profissionais da sociedade.

Segundo Carvalho e Rosa (2013), o educador tem o privilégio de estimular os educandos a aprender a aprender, mesmo estando em meio as suas dificuldades. Desse modo, é importante dizer que os professores despertam nos alunos a curiosidade em aprender algo novo e o desejo de tornarem-se indivíduos críticos em meio à sociedade.

5. PERCEPÇÃO E RESULTADOS SOBRE A AVALIAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

Pudemos analisar e extrair informações durante todo o processo de pesquisas nas quais verificou-se a demonstração da existência de paradigmas no que tange às formas avaliativas, tornando-se, assim, um assunto complexo e delicado, que por vezes não é compreendido em toda a sua totalidade, e sim como algo meramente conceitual e punitivo devido à crença que forja sua coerência em todas as práticas como um processo fundamental de estudos e interpretações dos indivíduos que se fazem presentes em sala de aula.

Perante os fatos apresentados, pode-se dizer que os pensamentos arcaicos e tradicionais permeiam ainda diante de muitas pessoas, pensamentos estes que veem a avaliação apenas como um mecanismo categorizador e de julgamento para averiguar se tal pessoa está sendo apta ou não para prosseguir de série através de critérios que delimitam a realidade de cada estudante constituída pelo uso de provas escritas e/ou oratórias, como também pelo comportamento tido em sala de aula. De acordo com Luckesi (1995), essas tomadas de decisões acarretam um modelo educacional falho por gerarem exclusões a partir dos métodos utilizados, sendo estes modelos classificatórios que desconsideram as necessidades e as especificidades de cada um.

Tais práticas e anseios, como já citado anteriormente, ocorrem devido à falta de clareza na ação pedagógica por parte do docente que não repensa nas suas objetividades e metas traçadas nos planejamentos e no Projeto Político Pedagógico. No entanto, “refletir não pode ser confundido com o ato de pensar, pois a reflexão é bem mais que isso. Acontece de uma forma individual (subjetiva) a fim de buscar uma resposta ao problema de uma forma geral (objetiva)” (SAVIANI, 2000, p. 79). O ato de refletir analisa os aspectos qualitativos para a supervalorização de todo o processo educacional, tendo em vista que o aluno não deve ser visto de forma segregada aos segmentos que compõem a construção de conhecimentos variáveis, fatores emocionais, políticos e ambientais.

A avaliação, sem dúvidas, deve ser vista como um elemento primordial e constitutivo dentro dos métodos de utilização, conhecimento e aplicação, pois de nada serve entender como funciona se não pôr em prática com intencionalidade e clareza. No entanto, o docente não deve levar esse conhecimento apenas para si, é necessário estabelecer quais formas serão utilizadas para avaliar os alunos e posteriormente os informar “como”, “porquê”, “para quê”, “em quais momentos” e “de que maneira” serão

avaliados de forma clara e sem ser repulsiva, além de, sempre que possível, recriar situações que possibilitam o progresso educativo. Tendo isso em vista, “a avaliação deve mostrar-se útil para as partes envolvidas – professores, alunos e escola –, contribuindo para o autoconhecimento e para a análise das etapas já vencidas, no sentido de alcançar objetivos previamente traçados” (DARIDO; RANGEL, 2011, p. 126).

Com isso, avaliar deve ser prazeroso de maneira que incentive os indivíduos a terem curiosidade em aprender cada vez mais, usando instrumentos e métodos que lhe gerem satisfação em fazê-los, como uma simples mudança no enunciado ou exemplificação de conteúdo que se relacione com a realidade de cada um. Assim, evidencia-se o conhecimento e não os números atribuídos por meio de instrumentos padrão, mas “os professores elaboram suas provas para provar os alunos e não para auxiliá-los na sua aprendizagem” (LUCKESI, 2010, p. 21).

Todavia, é imprescindível o uso de ferramentas que tirem o aluno de sua área de conforto e o faça querer aprender, podendo destacar os sistemas ativos como forma eficiente para o atual cenário. Segundo Barbosa *et al.* (2020, p. 2), as “metodologias ativas de ensino-aprendizagem são entendidas como um meio que proporciona o aprender a aprender, centrando-se nos princípios de uma pedagogia crítica, reflexiva e interativa”. Desse modo, consegue fazer com que o educando extraia estilos de aprendizagem e posteriormente use a seu favor, pois estes estilos não são limitados a uma forma específica e padrão. Convém lembrar, ainda, que o mesmo autor ressalta que “o estilo de aprendizagem é o modo preferencial de alguém usar suas habilidades práticas. Por isso, é inexistente o conceito de bom ou mau estilo, apenas estilos diferentes”.

Perante isso, é notória a existência de quatro grupos distintos de pessoas, sendo eles ativos, reflexivos, teóricos e programáticos. Isso posto, segundo Barbosa (2020), pessoas ativas são aquelas que estão abertas a novas experiências, resolvem problemáticas vendo-as como meio de superar suas dificuldades; enquanto que aquelas reflexivas são observadoras, codificando e decodificando informações até tirarem suas próprias conclusões; no estilo teórico, gostam quando há pressão em cima de sua intelectualidade; já os programáticos são aqueles grupos que optam por aprender técnicas e assuntos que podem ser postos em prática em seu dia a dia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme discorrido ao longo de todo o percurso deste artigo, constata-se que a avaliação possui complexidades e abrangências perante o processo contemplativo e reflexivo. Assim, necessita-se de uma criticidade para considerar e rever caminhos adequados, flexíveis e assertivos para a aprendizagem efetiva dos educandos sobre as teorias e práticas que fazem parte da ação pedagógica. Com isso, são viabilizadas inúmeras possibilidades que permitem uma tomada decisória justa no sentido da superação das dificuldades, conectadas ao patamar de qualidade na construção de conhecimentos.

Entretanto, o que se percebe é que a avaliação e a avaliação da aprendizagem são associadas com dessemelhança e segregação, pois, na maioria das vezes, ambas são denominadas e classificadas por conceitos mediante as realizações de provas ou recursos de cunho valorativo que ocultam as demais habilidades e competências que podem ser desenvolvidas pelos educandos com afetividade e troca de ideias. Logo, é indispensável que o docente não esteja em sala de aula apenas para transmitir o conteúdo posto, e sim com o real significado do que seja avaliação, ensinar e aprender, para posteriormente obter coerência e clareza durante a ação com compromisso, criatividade e criticidade.

Todavia, torna-se imprescindível ressaltar que o docente deve e possui um papel fundamental, que se trata, na verdade, de constituir amplitudes que busquem atender as diferenças, haja vista que avaliar não é apenas concordar ou discordar, mas sim diagnosticar as fragilidades, as necessidades e desenvolver um trabalho em cima dessas. Avaliar é, ainda, traçar objetivos e planejamentos, conscientizando-se da importância que este ato possui para todos os personagens que se fazem presentes no âmbito escolar a fim de atenuar anseios, angústias e desinformações durante a atuação educativa, visando uma coesão, práticas de integração, inclusão e acolhimento dos discentes.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. M.; PINTO, A. L.; GONÇALVES, J.; BEZERRA, R.; FERREIRA, A. Uma Proposta de um Método para a Personalização de Instrumentos Avaliativos em cursos de Tecnologia. *In: ESCOLA REGIONAL DE COMPUTAÇÃO CEARÁ, MARANHÃO, PIAUÍ (ERCEMAPI)*, 8. 2020, Evento Online. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2020.

CARVALHO, A. C. R de; ROSA, Beatriz Laudiceia. Papel do professor frente à aprendizagem: processo avaliativo no ensino-aprendizagem. **Anais da Jornada de Didática e do Seminário de Pesquisa do CEMAD, Londrina, PR, Brasil**, v. 2, 2013.

CAPELLATO, Patricia; RIBEIRO, Larissa Mayra Silva; SACHS, Daniela. Metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem utilizando seminários como ferramentas educacionais no componente curricular química geral. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 6, p. e 50861090, 2019.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição. **Educação Física na Escola: Implicações para a Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

DIAS, E. A educação, a pandemia e a sociedade do cansaço. **Ensaio: aval.pol públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.29, n. 112, 2021.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. São Paulo: Gruhbas, 2003. Disponível em: <http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/BONITEZA%20DE%20UM%20SONHO%20Ensinar-e-aprender%20com%20sentido%20-%20gadotti.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2021.

GALLON, Mônica da Silva; SILVA, Carla Melo; MADRUGA, Zulma Elizabete de Freitas. O papel do professor orientador na visão de um grupo de estudantes de ensino médio. **Olhares: Revista Do Departamento De Educação Da Unifesp**, v. 6, n. 1, p. 164-180, 2018.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática na construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1993.

HASHIMOTO, Priscilla Cerullo; CIACCIO, Maria Cristina de Mello; GUERRA, Grazia Maria. **A tendência do papel do professor no processo de aprendizagem**. São Paulo: Nurding, p. 2264-2271, 2018.

KRAEMER, M.E.P. **Avaliação escolar como construção de saber**. 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Cortez Editora, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições**. São Paulo, Cortez, 1995.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MEC. **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 1997.

NOGUEIRA, S. M. A. Ainda há tempos estranhos. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 29, n. 111, p. 311-317, abr./jun. 2021.

RAMPAZZO, SR dos R.; JESUS, AR de. Instrumentos de avaliação: reflexões e possibilidades de uso no processo de ensino e aprendizagem. **Londrina. Produção Didático-Pedagógica apresentada ao Programa de Desenvolvimento Educacional. NRE**, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **A filosofia na formação do educador**. In **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 13 ed. Campinas, SP, autores associados, 2000.

SCHIEHL, Edson Pedro; KEMCZINSKI, Avanilde; GASPARINI, Isabela. As perspectivas de avaliar o estudante no ensino híbrido. **RENOTE**, v. 15, n. 2, 2017.

SILVA, Danilo Scherre Garcia; MATOS, Poliana Michetti de S.; ALMEIDA, Daniel Manzoni de. Métodos avaliativos no processo de ensino e aprendizagem: uma revisão. **Cadernos de Educação**, n. 47, p. 73-84, 2014.

SILVA, Vera Teixeira et al. A avaliação na educação física escolar: um estudo com professores da rede pública do estado de São Paulo. **Conexões**, v. 16, n. 1, p. 2-16, 2018.

SOUSA, G, F. Avaliação x instrumentos avaliativos: reflexões acerca da avaliação escolar. **V Conedu: congresso nacional de educação**, 2019.

HAYDT, R.C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1997.

VASCONCELLOS, C.S. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança – por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad, 2003.